



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO I – CEDUC I
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ERALDO ERONIDES MACIEL

**JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS, ESPAÇOS DE RUPTURAS,
CONTINUIDADES E FRONTEIRAS:
Comunidade remanescente de quilombolas do Matias.**

**Campina Grande – PB
2010.**

ERALDO ERONIDES MACIEL

**JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS, ESPAÇOS DE RUPTURAS,
CONTINUIDADES E FRONTEIRAS:
Comunidade remanescente de quilombolas do Matias.**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como exigência da conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza.

Campina Grande – PB
2010.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M152e

Maciel, Eraldo Eronides.

Jogos e brincadeiras infantis, espaços de rupturas, continuidades e fronteiras [manuscrito]: comunidade remanescente de quilombolas do Matias./ Eraldo Eronides Maciel. – 2010.

47 f.: il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.

“Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza, Departamento de História”.

1. Brincadeira. 2. Jogos Infantis. 3. Criança. 4. Quilombola. I. Título.

21. ed. CDD 790.192 2

ERALDO ERONIDES MACIEL

**JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS, ESPAÇOS DE RUPTURAS,
CONTINUIDADES E FRONTEIRAS:**

Comunidade remanescente de quilombolas do Matias.

Aprovada em 02/12/2010



Profª. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB
Orientadora



Profª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo / UEPB
Examinadora



Profª. MS. Maria Jose Silva Oliveira / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

A Antônio e Emerita, meus pais, principais responsáveis pela construção da pessoa.

Aos meus irmãos, Everaldo, Edriana e Cícero que sempre me ajudaram nos momentos de dificuldade.

Aos meus amigo-irmãos, Emerson, Liélia, Ajanayr, Thomas, Renato, Bruno e Janailson, companheiros nos momentos de alegria e dificuldades.

Aos amigos Julio, Marcos, Jucelino, Pedro Cesar, Fábio e Rômulo que me ajudaram a superar as saudades dos familiares nos momentos de distância.

A Isabel Fernandes, minha noiva, pela compreensão e acolhida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder saúde, coragem e força para seguir sempre em frente na busca do conhecimento para me tornar um grande profissional.

A meus pais, Emerita e Antônio, que sempre me incentivaram aos estudos e que nunca pouparam esforços para me manter estudando, mesmo que as dificuldades apontassem para caminhos diferentes e tortuosos.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado, verdadeiras “muletas” nos momentos de fraqueza.

A UEPB, através do programa de iniciação científica com bolsa (PIBIC/CNPQ), pela oportunidade de me fortalecer enquanto pesquisador, através do referido programa.

A comunidade remanescente de quilombolas do Matias, na pessoa da líder comunitária Eliane Matias e de todos os moradores que atenciosamente nos receberam e colaboraram com nosso trabalho.

A meus amigos, Emerson, Liélia, Ajanayr, Thomas, Renato, Bruno, Janailson, Julio, Marcos e Jucelino, companheiros nas horas de alegria e dificuldade.

Aos companheiros de residência universitária, Pedro Cesar, Fábio, Thiago Kelps, Presley e Rômulo que durante anos foram a minha família fora de casa e que souberam pacientemente escutar meus problemas e aconselhar-me para tomar as melhores decisões diante das armadilhas que academia e a vida nos proporcionam.

A minha orientadora, Maria Lindaci Gomes de Souza, que aceitou me orientar e se dedicou inteiramente a este projeto.

Aos professores, responsáveis diretos pela construção do profissional, destaque para Serioja Mariano, Maria José, Patrícia Aragão, Luciano Aires e Maria Lindaci,

Em especial a Isabel Fernandes, minha noiva, que me acolheu e que foi meus “pés e meus braços” nos últimos anos de academia.

“Quando olha para os mistérios do universo, o homem, reduzido a suas reais proporções, sente toda humildade diante da dificuldade de compreender aquele infinito conjunto de luz e sombras. Nele, o que vê é o nada, o vácuo, escuro frio”.

José Henrique Popp.

SUMÁRIO

	Pág.
RESUMO	09
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1- A PARAIBA E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS:PASSADO E PRESENTE	12
CAPÍTULO 2 - PARADIGMAS PARA A HISTÓRIA	18
2.1. A História Cultural: novos objetos, novos problemas e novas abordagens.....	18
2.2. Memória, identidade e subjetividade.....	20
2.3. A ludicidade: jogos e brincadeiras.....	24
CAPÍTULO 3 - A COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DO MATIAS	29
3.1. Caracterizando a comunidade.....	29
3.2. Os jogos e brincadeiras do “passado” na Comunidade do Matias.....	31
3.3. Os jogos e brincadeiras do “presente” na Comunidade do Matias.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

O presente trabalho diz respeito às atividades lúdicas (jogos e brincadeiras infantis) na comunidade remanescente de quilombolas do Matias, que fica localizada na zona rural de Serra Redonda-PB, objetivando confrontar as atividades praticadas pelos antigos moradores e as praticadas pelas crianças de hoje. Estas atividades podem dizer muito sobre a sua época, pois as crianças recriam em seu universo lúdico infantil aquilo que enxergam no mundo adulto, fazendo uma associação entre ação e ficção, como atesta Brougere (1997). Essas atividades em sua grande maioria são repassadas pela oralidade, tornando a história oral uma das metodologias mais importantes neste estudo, ainda é de suma importância destacar o caráter de memória contido nas brincadeiras e jogos, pois se estes são repassados através da oralidade e são uma associação entre ação e ficção, eles também podem dar testemunhos de uma época, sendo um verdadeiro monumento e fazendo parte do que Le Goff (1994) chama de “*memória étnica*”. Assim, buscamos confrontar e analisar os jogos e brincadeiras, atentando para as diversas teorias e possibilidades que estes trazem a tona.

Palavras-chaves: Quilombolas. Jogos e brincadeiras. Memória.

ABSTRACT

This work concerns the fun activities (games and children) in the community remaining quilombolas do Matias, which is located in the rural area of Serra Redonda-PB, objectifying confront activities practiced by the old residents and those applied by the children of today. They can tell a lot about your age, because children recreate in his universe playful child what look in the adult world, doing an association between action and fiction, as evidenced by Brougere (1997). These activities in their great majority are passed on by orality, making oral history one of the most important in this study methodologies, yet is extremely important to highlight the character memory contained in jokes and games, because if these are perpassados through speaking and are an association between action and fiction, they can also give testimonials of an era, being a true monument and part of that Le Goff (1994) calls "*ethnic memory*". Thus, we seek to collate and analyze games and jokes, having regard to the various theories and possibilities that they bring to the fore.

Keywords: Quilombolas; games and jokes; memory.

INTRODUÇÃO

No Brasil, no período pós-abolição, desdobrou-se dois processos singulares em relação à população negra. Uma parte da população liberta migrou para as cidades, ainda em formação, e a outra parte dos ex-escravos dirigiu-se para os campos, constituindo as faladas “Terras de Pretos” ou Quilombos, como são mais conhecidos atualmente, no entanto, mesmo antes do processo de libertação já ocorriam fugas de escravos para as matas, onde se agrupavam e formavam os Quilombos, que foram um dos mais importantes meios de resistência ao regime escravista, para O’dwyer (1995) os Quilombos:

Consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território (...) A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pelas experiências vividas e as visões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. (p. 2)

Em nosso País, em que a essência da formação social é de caráter colonial escravista, nas quais as relações sociais foram baseadas no processo de escravidão de africanos e seus descendentes, visualiza-se na historiografia, assim como na memória coletiva, um hiato entre as práticas cotidianas e o patrimônio cultural no que diz respeito ao lazer e ao lúdico quando nos reportamos a cultura negra.

O referente trabalho tem como objetivo valorizar a cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo, identificar e analisar os jogos e brincadeiras infantis praticados pelos habitantes mais velhos da comunidade remanescente de quilombolas do Matias, quando em seu tempo de criança, assim como analisar os jogos e as brincadeiras mais praticadas pelas crianças de hoje, observando os pontos de ruptura entre estas e aquelas que são entendidas como tradicionais, isto é, analisar as brincadeiras praticadas atualmente pelas crianças da comunidade em relação com aquelas praticadas pelos seus pais.

O referente trabalho tem como recorte espacial a comunidade remanescente de quilombolas do Matias, já que os jogos tradicionais e brincadeiras infantis podem refletir a identidade de um determinado grupo, seja ele diferenciado ou não pela sua etnicidade, podendo além de tudo conhecer um pouco mais da origem e das riquezas culturais dessa comunidade.

Quando se fala em contribuição africana na formação da cultura nacional brasileira, normalmente se recorre ao imaginário popular, buscando nele apenas componentes que caracterizam o folclore. É como se esses mais de 500 anos de contatos interculturais pudessem se resumir a essas manifestações. Ocorre que as expressões culturais consideradas como elementos na construção de uma identidade da cultura negra, como brincadeiras, danças e jogos continuam alijadas na nossa história cultural.

As formas de brincar e jogar, os tipos de brincadeiras e jogos, a cultura lúdica da criança negra continua esquecida, colocada em segundo plano e até mesmo em casos extremos é desconsiderada como parte integrante de uma cultura, por ser associada ao ócio.

Em comunidades rurais, como é o caso das comunidades quilombolas, ainda há um respeito pela palavra falada, caracterizada como atividade comunicativa, que tem um poder de transformar em ação, momentos de cumplicidade, contador/ouvinte como também envolver e partilhar valores que foram e são significativos para a comunidade. Como depositário das palavras as pessoas idosas, com suas memórias e os seus testemunhos vivos, garantem no ato de contar e de relembrar os jogos e brincadeiras de sua infância, a socialização de palavras e memórias, sendo de extrema importância a oralidade dentro do referente trabalho.

Neste trabalho caminhamos por “veredas” que dizem respeito diretamente a cultura da comunidade pesquisada, passando por fontes de extrema importância que vão desde a oralidade até a memória de uma “gente”.

Capítulo 1

A PARAÍBA E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: PASSADO E PRESENTE.

Na realidade atual do Estado, diante das discussões acadêmicas, cada vez mais fortes e frequentes em relação à cultura afro-descendente e conseqüentemente em relação à escravidão, faz-se necessário uma reflexão sobre a proporção que tal fenômeno atingiu na escala local, isto é, na Paraíba, assim como o que era um Quilombo no passado e o que se entende por Quilombo, ou comunidade remanescente de quilombolas hoje.

Neste âmbito, a escravidão é hoje um dos temas mais discutidos no Brasil, assim nosso trabalho situa-se no centro dessas discussões, já que as fugas de escravos geralmente resultavam em grandes e pequenos grupos que se refugiavam nas matas, tornando-se um agrupamento quilombola.

Algo que não pode passar despercebido quanto ao processo da escravidão negra no Brasil é o apoio dado pela igreja católica, principal instituição religiosa da época, a tal acontecimento. Após a escravização dos índios – que também foi apoiado pela igreja, que pouco tempo depois teria uma reviravolta nas suas concepções – vemos essa instituição se colocar a favor da escravização do negro, até mesmo para que os índios tivessem concedida, de certa maneira, a sua liberdade, o que se faz presente na afirmação de Filho (1976, p. 94) ao dizer que *“a própria igreja, tão ciosa da liberdade dos índios, tranqüilizavam as consciências, justificando a escravidão do negro. Escravo, e somente escravo deveria ser o negro”*

O escravo negro, assim, acabou substituindo em definitivo o indígena como fator de produção, desempenhando as mais diversas tarefas do dia-a-dia, cuidando da lavoura e dos eventuais afazeres que surgissem (FIGUEIREDO, 1977).

O branco da colônia espreguiçava-se, jogava, rezava, enquanto o negro pescava, enchia os potes de água, curava as roças de mandioca, capava os

tabuleiros de fumo ou enfrentavam o pico dos canaviais (FILHO, 1976, p. 53).

Exercendo estas atividades, demonstradas por Filho (1976), as quais os brancos não se dispunham a realizar, o negro se tornava um elemento propulsor da economia, principalmente no que se refere à agricultura e em especial a produção da cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro, o que leva Prado Jr (1994) a afirmar que em toda grande lavoura podíamos encontrar mão-de-obra escrava.

Trazendo esta abordagem cada vez mais próximo da nossa realidade, podemos dizer, sem medo algum, que na Paraíba a escravidão seguiu os mesmos moldes da colônia como num todo, segundo Amorim (2004), os escravos eram tratados como peças compradas para se transformarem em máquinas que deveriam produzir constantemente, sem parar e sem quebrar para não trazerem nenhum prejuízo. Deviam trabalhar sem reclamar nas mais diversas atividades, na plantação de cana, na produção de tabaco e em outras atividades derivadas destas. Os escravos negros ainda serviam como carpinteiros, ferreiros, barbeiros, oleiros, faxineiros, lavadeiras, cozinheiras, amas de leite, etc. Os escravos domésticos eram escolhidos a dedo, deviam ser limpos, altos e bem comportados, as negras teriam que ser bonitas e boas de cama, já que se tornavam objetos sexuais dos seus senhores, muitas delas eram mutiladas pelas senhoras brancas que sentiam ciúmes dos respectivos maridos.

Ao não diferir do modelo de escravidão instalado no resto do país, a Paraíba também estava sujeita a fugas e formas de rebeliões, a exemplo dos Quilombos. Moura (1972) afirma que o Quilombo foi incontestavelmente a unidade básica de resistência ao regime escravista, onde não importava o tamanho nem o tempo de vida, em qualquer região que existisse a escravidão lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. Assim, seguindo uma definição utilizada pelo conselho ultramarino, Moura (1981) definiu o Quilombo como *“toda habitação de negros fugidos que passassem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”* (p.17).

A respeito destes grupos chamados de Quilombos Arruti (2006) nos informa ainda que:

A sua primeira definição se encontra no corpo das legislações colonial e imperial, de uma forma explicitamente indefinida, que buscava abarcar sob um mesmo instrumento repressivo o maior número de situações, bastando para sua caracterização à reunião de cinco (colonial) ou três (imperial) escravos fugidos, formassem eles ranchos permanentes (colonial) ou não (imperial) (p.71/72)

Segundo as afirmações de Moura (1981) os Quilombos tinham vários tamanhos e se estruturavam de acordo com seu número de habitantes. Os pequenos tinham uma estrutura bastante simples, tendo ênfase em grande parte por serem grupos armados, nestes a liderança surgia no momento da fuga. Os grandes, tendo Palmares como exemplo, já eram mais complexos, possuindo uma estrutura que compreendia aspectos como religião, governo, propriedade, família e essencialmente economia. Ainda, conforme afirma Moura (1972) as instituições tribais eram importantes no Quilombo, pois auxiliavam na criação de um novo sistema de valores, uma nova hierarquia dentro do grupo.

De maneira discordante de Rodrigues (1977) que coloca o Quilombo como um retorno a barbárie africana, Moura (1981) relata que estes não eram conglomerados de negros bárbaros, afirmando que no início, quando o Quilombo era pequeno e estava apenas no início, tinha a necessidade de uma vida predatória para a sua subsistência e continuidade, no entanto, a medida que ele crescia, procurava organizar-se internamente para poder por em funcionamento os grupos populacionais do reduto. Assim, demonstrava a sua capacidade de organização, desenvolvimento e hierarquização.

Aparentemente, o Quilombo era um grupo defensivo, no entanto em determinados momentos, tinha a necessidade de atacar, a fim de conseguir artigos e objetos sem os quais não poderiam sobreviver, isso acabava por impor um constante medo aos latifundiários que viviam próximos aos Quilombos, assim Moura (1972) diz que a guerrilha era um elemento complementar dos Quilombos, que

atacavam as estradas, engenhos e fazendas e por isso devia ser extremamente móvel.

Além de não ser completamente defensivo, o Quilombo também nunca foi uma organização isolada que freava a participação de outros indivíduos, dessa maneira conforme as informações de Moura (1981) convergiam para esses Quilombos elementos igualmente marginalizados pela sociedade, a exemplo de índios, criminosos, mulatos, etc.

Na Paraíba, diversos focos de resistência quilombola se estabeleceram nas margens do Rio Paraíba, de onde partiam para atacar as fazendas mais próximas. Nestes Quilombos também se encontravam indígenas, que como os negros lutavam contra a escravidão e atacavam as propriedades dos senhores de engenho que temerosos solicitavam ajuda as autoridades competentes da época. Neste sentido, Moura (1972) comenta que:

Os escravos paraibanos lançaram-se cedo à luta por sua libertação. Foi, inicialmente, o Quilombo, a forma adotada. Fugiam para as matas, tornando-se um perigo constante ao sossego dos senhores de terra e de engenho daquela área. (p.90).

Torna-se interessante, ainda, relatar a existência de um Quilombo formado por escravos vindos de Palmares, estes estabeleceram o agrupamento, segundo Moura (1972), em Cumbe, hoje usina Santa Rita, logo depois começaram as investidas contra os moradores locais, tendo o objetivo de conseguir viveres, armas e novos elementos para engrossar o corpo de insurretos.

Assim, a Paraíba se insere dentro deste contexto de manifestações e formas de resistência contra a escravidão, das quais o Quilombo é sem dúvida uma referência.

No que se refere a nomenclatura dos Quilombos é importante observarmos que entre meados das décadas de 80 e 90, sob impacto da redemocratização da América do sul, foram realizadas diversas reformas constitucionais, entre as quais

estava o reconhecimento da diversidade cultural e étnica por parte dos Estados constituintes, abrindo-se espaço para o reconhecimento dos direitos territoriais e da autonomia política de grupos indígenas e negros rurais. No Brasil tal reconhecimento se deu pelo “artigo 68” da constituição de 1988.

Segundo Arruti (2006) a produção e o reconhecimento destes novos sujeitos etnicamente diferenciados pelo termo “quilombola” começa depois da ampla tomada de conhecimento dos direitos estabelecidos pelo “artigo 68” que reconhece aos remanescentes de quilombolas a propriedade definitiva das terras que ocupavam, assim como a obrigação em emitir-lhes os respectivos títulos. Esse artigo atingiu diretamente a questão fundiária do país, mas também influenciou aspectos que iam desde o imaginário social até a forma de nomenclatura dos sujeitos em debate. O “artigo 68” antes de ser um ato de reconhecimento jurídico é um ato de criação social, principalmente a partir do uso do termo “remanescentes” em seus dispositivos jurídicos.

As comunidades rurais que apresentam a particularidade de serem negras passaram por uma grande discussão quanto à questão da nomenclatura, de maneira mais intensa no momento de elaboração do “artigo 68”, tendo em vista que essas comunidades tinham em seu passado uma descendência quilombola, mas não possuíam as mesmas formas de agir e de sobreviver que estas possuíam outrora. O qualificativo “remanescente” fora utilizado, assim, tanto para definir as comunidades que tinham traços indígenas quanto para definir as comunidades que possuíam uma ligação com antigos Quilombos.

Arruti (2006) também nos mostra que o termo “remanescente” traz um diferencial importante com relação ao uso do termo Quilombo, nele o que está em jogo, o que está em evidencia, não são mais as reminiscências – restos de estruturas como pilões e cabanas – mais as próprias comunidades, organizações sociais, um grupo de pessoas.

Hoje na Paraíba existem cerca de 31 comunidades formadas por negros remanescentes de escravos (remanescente de quilombolas), sendo duas urbanas e 29 rurais. Todas elas estão reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, do

Ministério da Cultura. Existe ainda outras comunidades em processo de reconhecimento no Estado. No que se refere à comunidade remanescente de quilombolas do Matias, alvo do presente estudo e pertencente ao município de Serra Redonda-PB, esta foi certificada no dia 28 de Julho de 2006, de acordo com a publicação no Diário Oficial da União.

Assim, com as discussões ocorridas dentro da formulação do “artigo 68”, fora criada uma nova categoria étnica e social, “os remanescentes de quilombolas”, que apesar da descendência com os Quilombos coloniais possui diferentes formas de agir e sobreviver, sendo exemplo as comunidades do Talhado, do Caiana dos Crioulos, do Matias e do Grilo, ambas na Paraíba.

Capítulo 2

PARADIGMAS PARA A HISTÓRIA.

2.1. A História Cultural: Novos objetos, novos problemas e novas abordagens.

A História passou por diversas transformações ao longo do tempo, sendo permeada e influenciada por diferentes correntes historiográficas que atingiram muitas vezes o seio das discussões abordadas e relevadas dentro do seu arcabouço teórico.

Durante o século XIX observamos uma corrente historiográfica dominar os debates e discussões a cerca dos fatos históricos, essa corrente ficou conhecida como Positivismo – chamada por muitos de Escola Metódica. O positivismo e seus seguidores acreditavam ser possível manter uma neutralidade quando se falava de fatos históricos, acreditavam que existia uma verdade única e isenta de qualquer desconfiança, uma verdade absoluta, era uma história objetiva que fugia as intempéries dos questionamentos; outra grande característica do Positivismo era a falta de distinção entre as ciências naturais e sociais, conseqüentemente pregava os mesmos métodos de avaliação e análise para ambas as ciências; caracterizava-se ainda por trabalhar com temas relacionados à história política e militar fazendo apologia aos grandes heróis, praticamente endeusando-os. Ainda durante a fase áurea do Positivismo podemos perceber o privilegiar das fontes “oficiais”, isto é, os estudiosos daquele momento acreditavam que a história, tal como ela era, só podia ser contada e estudada através de documentos escritos, pois estes eram fontes seguras de um acontecimento, não sendo possível uma história a partir de outro documento.

Durante a década de 1930 do século XX, surge uma nova corrente historiográfica postulando outra forma de apreensão e de estudo da história:

Uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar (...) Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação.(VAINFAS, 2002, p.17).

Tinha como ponto inicial à fundação da revista “Annales d’histoire economique et sociale” por Marc Bloch e Lucien Febvre, surgia assim a “Escola dos Annales” responsável direta por uma verdadeira revolução nos estudos históricos a partir daquele momento. Essa corrente teórica também passou por grandes transformações ao longo dos anos, mas em linhas gerais permitiu uma verdadeira dilatação no campo de trabalho do historiador, tanto no que diz respeito a atores quanto a temas e objetos, além é claro das fontes de estudo e pesquisa que passam a ser entendidas como todo e qualquer documento que deixava vestígios da passagem do homem, dessa maneira um simples objeto poderia ser a chave para toda uma pesquisa, fosse esse objeto material ou imaterial, como por exemplo, um costume comum a um determinado grupo.

Num primeiro momento, que ficou conhecido como “a primeira geração dos Annales”, observamos uma grande preferência pelos estudos ligados ao mental, uma história das mentalidades, priorizando os valores e ideais, os modos de sentir e pensar de um determinado grupo, temos como grandes destaques teóricos dessa fase os pioneiros nessa nova forma de análise histórica, Marc Bloch e Lucien Febvre.

Na segunda fase dos Annales, vemos uma constante aproximação com outras ciências a exemplo da Geografia, neste ponto os Annales se afastam dos estudos mentais e procuram enfocar cada vez mais um aspecto ligado ao econômico e o social, o grande destaque nessa fase se dá por conta de Fernando Braudel – que era um dos discípulos de Lucien Febvre -, autor de uma complexa obra conhecida como “O mediterrâneo”, Braudel influenciou de tal forma os suportes teóricos da época que a segunda fase dos Annales ficou conhecida como “a era Braudel”.

A partir da década de 1960, já iniciada a “terceira fase dos Annales” as mentalidades voltam a figurar perante os estudos históricos, “*a chamada História das Mentalidades abriu-se de tal modo a outros saberes e questionamentos que, no limite, pôs em risco a própria legitimidade da disciplina*” (VAINFAS, 2002, p. 55/56), sofreu diversas críticas e acusações das quais as mais comuns era de que não se definia teoricamente, de ser empirista, imprecisa e ambígua. Assim, registrou-se uma verdadeira ruptura no centro dessa terceira fase e a partir da década de 1980 vê-se uma queda do uso das mentalidades na produção historiográfica, dessa maneira a terceira fase dividiu-se em duas partes: a primeira, ligada ao estudo das mentalidades; e a segunda - que se iniciava no momento da ruptura com as mentalidades – ligada ao cultural, estando bem próximo da Antropologia tendo em vista que a cultura é o principal objeto de estudo desta.

A nova história cultural se apresenta com novas perspectivas valorizando a cultura, “*o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas*” (GINZBURG, 1986, p. 16), procurando mostrar o que de mais popular há em termos de manifestação; busca ainda relatar os conflitos sociais, ou seja, mostrar que a cultura não é homogênea, mas carregada de significados que representam a tensão social entre os diferentes grupos; outra característica da história cultural é o seu caráter diverso e plural, já que é uma corrente que abre inúmeros caminhos dentro do conhecimento histórico.

Destarte, com as possibilidades de novos objetos e principalmente de fontes, permitidos pela História cultural, os estudos históricos deram um verdadeiro salto, considerando aspectos como a memória, a História oral e a identidade, fatores outrora desprezados.

2.2. Memória, identidade e subjetividade.

A memória esteve presente ao longo da história e do desenvolver das civilizações, diante disso Le Goff (1994) diz que:

No estudo histórico da memória histórica é necessário dá uma importância especial as diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita, como também as fases de transição da oralidade a escrita... (p. 423).

O autor busca aos poucos diferenciar as sociedades que não possuem escrita, das que possuem formas escritas e simbólicas de memória.

No que diz respeito as sociedades onde a memória se manifesta essencialmente na forma oral, Le Goff utiliza o termo “memória étnica” para designar a forma de memória coletiva perante os povos ainda sem escrita, mas que guardavam em suas mentes práticas e técnicas que eram comuns no seu dia-a-dia, práticas cotidianas que eram realizadas por seus antepassados, fossem eles distantes ou não, mas não somente as práticas e técnicas eram repassadas como formas de memórias, mas também histórias que foram marcantes no processo de desenvolvimento destes grupos.

A respeito das sociedades e grupos com memórias que se perpetuam através da escrita, vemos Le Goff evidenciar uma profunda transformação na memória coletiva, um avanço duplo, duas formas de memória: *“a primeira é a comemoração a celebração através de um monumento, comemorativo de um acontecimento memorável”* (LE GOFF, 1994, p. 427), assim a memória assume a forma de inscrição enquanto símbolo de uma conquista; a outra forma de memória ligada à escrita é o documento, embora seja importante salientar que cada documento tem em si um caráter de monumento, torna-se interessante evidenciar ainda, segundo Le Goff, que neste tipo de documento a escrita tem duas funções principais, o armazenamento de informações e o assegurar da passagem do plano auditivo para o visual.

Em nossa pesquisa, em que trabalhamos com narrativas, nos apropriamos da primeira discussão feita por Le Goff, em que ele atribui o termo “memória étnica” para estes grupos que repassam suas histórias através da oralidade. Assim, a História Oral torna-se um elemento extremamente significativo dentro do nosso trabalho.

A História Oral se apresenta hoje como uma das formas mais inovadoras do “fazer História”, pois não se trata apenas de um método de pesquisa ou de novas fontes históricas, mas sim, de novas abordagens e perspectivas transformadoras. De acordo com Silva (2004), *“ela trás à tona elementos que têm permitido compreender como as pessoas recordam e constroem suas memórias bem como tece sua identidade enquanto sujeito”* (p. 2).

É com a História Oral que passamos a conhecer conflitos, contradições e diversidades que a construção histórica tradicional teima em “esquecer”, mas que a própria realidade demonstra no dia-a-dia, permitindo dessa forma um resgate da vida cotidiana, pois ninguém conhece melhor a realidade de um grupo do que aquele que a vive diariamente, fato que, embora indiretamente, encontra subsídio nas palavras de Halbwachs (2006) quando diz que *“o depoimento da testemunha só tem sentido em relação a um grupo da qual esta faz parte, porque pressupõem um evento real ...”* (p. 12).

A oralidade expressa realidades ocorridas, fatos vivenciados, testemunhados e não relatados em documentos escritos, transfere e dá parecer de uma experiência que tanto pode ser individual quanto coletiva, experiência que além de adquirida com o tempo é repassada por antecessores, da mesma forma que os contemporâneos a repassarão para seus posteriores, assim a oralidade se torna algo íntimo das tradições grupais, isto é, das tradições dentro de uma comunidade ou coletividade qualquer que tenha origens comuns ou semelhantes. Estas tradições são assim formas de “memória étnica” – como diria Le Goof (1994) – que enriquecem expressivamente a cultura de um grupo.

Essa memória, essa oralidade são também partes componentes e essenciais de uma identidade que se cria e recria dentro de um grupo específico fortalecendo cada vez mais os seus laços, a partir de um ponto de convergência comum daqueles que estão envolvidos.

Caminhando no rastro das transformações fundamentais que os acontecimentos deixam em seu caminho, a análise da concepção de identidade se

pauta, aqui, pela discussão das Ciências Sociais contemporâneas. Portanto é com base em Stuart Hall, no seu trabalho intitulado “A identidade cultural na pós-modernidade”, que discutimos, a partir da teoria social, a questão da curva ascendente iniciada com *“as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, e que estão em declínio fazendo surgir novas identidades”* (HALL, 2006, p.7).

Dessa forma Hall (2006) contribui de maneira significativa com a concepção de identidade que nos apropriamos, quando argumenta que as identidades modernas estão entrando em colapso, isto é, as transformações que estão ocorrendo entre o final do século XX e o início deste século estão:

Fragmentando as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, tinham sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que nós temos de nós próprios como sujeitos integrados” (p. 9)

Falando a respeito da identidade étnica, e caminhando na mesma linha de raciocínio de Hall (2006), Silva (2004) diz que ela *“vai se reconstruindo e reconfigurando ao longo do processo histórico. Não se pode entendê-la como algo dado, definido plenamente desde o início da história de um povo”* (p. 20).

Ao lado das identidades nos apropriamos também da categoria da subjetividade, uma vez que as identidades neste contexto estão intrinsecamente ligadas às subjetividades. Logo, partimos do pressuposto de que as identidades são móveis, fluídas, históricas e culturalmente construída, o que nos levaria a identificar para cada configuração histórica e cultural, a representação que temos daquilo que somos e daquilo que nos definimos como sujeitos, isto é, das nossas subjetividades. Dessa forma a subjetividade é a maneira como tomamos para nós as influências externas e relacionamos esses aspectos com nossas formas de viver, ser, sentir e de construir e reconstruir nossas formas de perceber o mundo. Assim a:

(...) subjetividade sugere a compreensão que temos do nosso eu. O termo envolve os pensamentos e emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem nós somos. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nos adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2000, Apud CAVALCANTE, 2007, p. 55).

Dessa forma os fatores da memória, da identidade, da oralidade e da subjetividade casam perfeitamente dentro do presente trabalho, se apresentando também como contributos para o processo de estudo e escrita da história.

2.3. A ludicidade: jogos e brincadeiras.

Com o despertar de novas fontes e objetos para a pesquisa histórica, a partir da Nova História cultural, assim como o uso de novos conceitos e metodologias, os jogos e brincadeiras – o lúdico – passaram a figurar como um legítimo ponto de estudo para uma gama de Historiadores e Cientistas Sociais.

Apoiando-nos em Ramos (2008), percebemos que os jogos e brincadeiras detem uma diferença básica, os jogos englobam as atividades que tem regras bem definidas e que devem ser cumpridas, enquanto que as brincadeiras são mais flexíveis, deixando que as regras apareçam durante sua realização ou mesmo derivem de regras já existentes, isto é, que as regras sejam flexionadas e transformadas. Apesar da diferença essencial, ambas se constituem como atividades lúdicas.

O termo “*lúdico*”, por sua vez, tem sua origem na palavra latina “*ludus*” que significa o jogar, o movimento espontâneo, o brincar, etc. Em nossa sociedade atual existe uma espécie de preconceito com relação a estas atividades lúdicas quando se trata de indivíduos adultos, tais atividades são quase sempre carregadas de noções pré-estabelecidas que ligam diretamente a uma vida ociosa, chegando até mesmo, em casos extremos, a criticar tais práticas por parte de crianças.

A prática de atividades lúdicas pelos adultos, também tidas como um momento de lazer, ajudam a aliviar o estresse decorrente de uma rotina cansativa a que está sujeito o homem moderno, trazendo além de tudo benefícios para a saúde, em Caillois (1990) encontramos, assim como em Elkonin (1998), o princípio de que o jogo exerce o papel de atividade secundária para seus participantes, pois não garante a subsistência de qualquer ser humano, porém, isso não quer dizer, em hipótese alguma, que seja uma atividade supérflua, aliás, muito pelo contrário, uma vez que promove intensas transformações e todo um desenvolvimento social, cultural, motor e psicológico daquele que se encontra imerso nesta atividade.

Com relação às crianças os jogos e brincadeiras são fundamentais para o seu desenvolvimento e para a aprendizagem, pois envolvem diversão e ao mesmo tempo uma postura de seriedade. A brincadeira é para a criança um espaço de investigação e construção de conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo. Brincar é uma forma da criança exercitar sua imaginação, que por sua vez permite às crianças relacionarem seus interesses e suas necessidades com a realidade de um mundo que pouco conhecem. A brincadeira expressa à forma como uma criança reflete, organiza, desorganiza, constrói, destrói e reconstrói o seu mundo.

A arte de brincar é uma ponte para a realidade percebida e interpretada pela criança, através das brincadeiras podemos compreender como ela vê e constrói o mundo, quais são as suas preocupações, que problemas ela sente, como ela gostaria que fosse a sua vida. Para Elkonin (1998), o jogo surge apenas quando a sociedade humana atinge um nível de desenvolvimento, dos meios de produção, que inviabilize a participação da criança, de forma que, ela passe a correr riscos, ou, não consiga mais desempenhar a atividade, devido à complexidade desta.

O jogo, a brincadeira expressa o que a criança teria dificuldade de colocar em palavras, ou seja, brincar é a sua linguagem secreta que devemos respeitar mesmo que não a entendamos. De acordo com Brougere (1997) e segundo a própria lógica das brincadeiras, cada uma desperta um conjunto de ações, de fazer de conta que se traduz em representação ou imagens que servem de estímulo da brincadeira. De fato, o que é uma brincadeira, questiona Brougere (1997, p.14), *“se não a associação entre uma ação e uma ficção, ou seja, o sentido dado à ação*

lúdica”. Nesse sentido concordamos com o autor, que nos ajuda a ter uma compreensão do que é a brincadeira, segundo o autor “*a brincadeira não pode estar limitada ao agir: o que a criança faz tem sentido, é a lógica do fazer de cada e de tudo o que Piaget chama de brincadeira simbólica*” (p.14).

Tudo isso torna as brincadeiras um ponto essencial para entendermos melhor a vida humana, sua cultura e o contexto de uma determinada sociedade, ou determinado grupo, a exemplo das comunidades remanescentes de quilombolas.

Um dos maiores trabalhos sobre o universo lúdico é a obra “Os jogos e os homens” (1990) de Roger Caillois, obra em que o autor busca retratar a classificação dos principais elementos que considera como constituintes dos jogos humanos. Realizando assim uma imersão histórica em diversas culturas mostrando tanto as peculiaridades como os princípios gerais de seus jogos, dialogando vivamente com Elkonin (1998), Piaget (1971), Vygotsky (1998), Lévi-Strauss (1967), entre outros.

Destarte, o estudo do autor tergiversa entre a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia, com passagens constantes também pela Etnografia, fato que demonstra a complexidade da tarefa que ele se propôs a realizar, a citar, a construção dos princípios elementares existentes em qualquer jogo praticado pelos humanos, independentemente do contexto temporal, social, material e psicológico no qual este se materializa.

Caillois (1990) faz uso de um discurso diametralmente oposto aquele adotado por Huizinga (1980), em sua obra “Homo Ludens”, este parte do princípio de que os jogos podem se manifestar anteriormente ao surgimento da cultura, algo inconcebível de um ponto de vista sociológico, pois neste universo o jogo é visto como produto, manifestação e criação da cultura humana. No entanto, em certo sentido, Caillois (1990) promove a defesa de alguns aspectos da obra de Huizinga (1980), pois a considera como precursora dos estudos sobre jogos em nossa sociedade, realizando um importante papel de valorização dessa atividade, desprezada anteriormente, passando a assumir, com ele, um papel de extrema importância na construção da cultura humana. Mesmo assim, o pressuposto inicial

de que parte Caillois (1990) estabelece um corte radical entre as duas linhas de estudo.

Esta ruptura se deve ao fato de Huizinga (1980) extrapolar as funções e objetivos que efetivamente possuem o jogo em nossa sociedade, pois o considera como o principal elemento humano, criador das culturas, das instituições. Enfim, o autor realiza uma supervalorização dos jogos em detrimento de todos os outros componentes constituintes de uma sociedade, o que além de não ajudar a conceituação teórica desta atividade, acaba por colocá-la em uma disputa acadêmica contra outras atividades como o trabalho e a linguagem, caminho este gerador de atritos insolúveis e de difícil comprovação.

Caillois (1990) reconhece a existência de um grande número de jogos em nossa sociedade, sendo que estes não trazem grandes conseqüências – de um ponto de vista econômico – para a vida real dos seres humanos, pressuposto também encontrado em Leontiev (1988), entretanto Caillois (1990) reconhece o poder que as atividades lúdicas exercem na configuração da personalidade humana, considerando-as como importantes instrumentos da cultura de um povo e de uma sociedade, pois através delas muito se pode descobrir sobre os próprios hábitos cotidianos e sobre as estruturas basilares da própria sociedade em questão.

Dentro deste universo lúdico, as brincadeiras e os jogos tem limites e liberdades impostos e concedidos a seus participantes, estes devem respeitar as regras, uma vez que desrespeitadas corre-se o risco de acarretar o final da brincadeira por motivo de ordem, o que torna essencial a presença de certos limites, mas lembrando sempre que o indivíduo participante da atividade lúdica goza do direito de uma relativa liberdade de criação e dependente do tipo de brincadeira essa liberdade torna-se infinita e a gosto. Assim *“todo jogo é um sistema de regras que definem o que é e o que não é do jogo,... o permitido e o proibido”*. (CAILLOIS, 1990, p. 11).

Considerar o lúdico como importante recurso sociológico e histórico significa acreditar em seu potencial de compreensão social e contextual. O lúdico só pode ser uma fonte histórica e sociológica se permitir o desvendamento e a compreensão da

estrutura cotidiana de certo local, além disso, sua prática deve influir diretamente na vida das pessoas, ou seja, não pode ser considerado como uma atividade banal e frívola.

É claro que a presença dos jogos em toda a história da humanidade caracteriza-o como um elemento fundamental na construção das diversas relações sociais, entretanto, estar presente não significa exercer a mesma influência em distintas épocas históricas. Os jogos são produtos e resíduos da sociedade e cultura, por isso, percorrem séculos e países com, praticamente, a mesma lógica lúdica, porém, sua área de atuação se altera na medida em que os grupos dirigentes da sociedade trocam ou invertem suas relações de poder.

Capítulo 3

A COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DO MATIAS

3.1. Caracterizando a comunidade.

A comunidade remanescente de quilombolas do Matias está localizada no município paraibano de Serra Redonda que se situa na região Agreste do Estado, fazendo fronteira com os municípios de Alagoa Grande (ao Norte), do Ingá (ao Sul), de Massaranduba (a Oeste) e de Juarez Távora (ao Leste).

A comunidade se encontra a aproximadamente 3 km da sede do município em uma região de difícil acesso, cercada de serras e de matas, onde as estradas de péssima qualidade se tornam verdadeiras armadilhas dependendo da estação do ano, isto é, as vias de acesso que em tempos de seca já não são das melhores, se tornam ainda piores em épocas chuvosas em função das mesmas serem formadas de uma argila extremamente escorregadia que impossibilita a passagem de carros e outros veículos.

Algo que se torna extremamente chamativo com relação à comunidade é a questão do relevo e da paisagem natural que circunda a mesma, constituída de serras com rochas enormes que afloram em seu entorno e de matas que apesar de demonstrarem sinais de que outrora foram robustas e extremamente densas começam a dar espaço a roças e plantações. O local se mostra verdadeiramente propício a abrigar um grupo que queira se esconder ou se manter afastado do centro da sociedade, tal como queriam as comunidades quilombolas do período da escravidão.

A maior parte das casas se localiza em um terreno alto e acidentado – que arriscaríamos chamar de serrote, devido a sua atenuada elevação – estas se dispõem de forma desordenada e muito próximas umas das outras, formando praticamente um aglomerado.

A respeito da nomenclatura do local é importante destacar que existe uma dualidade com relação ao nome, alguns moradores da região conhecem a comunidade como Caiana, inclusive sendo identificada pelos Correios com essa denominação, entretanto a maioria dos moradores do lugar o identificam como Matias, representando uma dicotomia em termos de conhecimento da nomenclatura do lugar.

A economia da comunidade é basicamente agrícola e de subsistência, onde a ponto de observação os principais produtos plantados são feijão e milho, sendo constatados, também, alguns prestadores de serviço que trabalham para a prefeitura, a exemplo dos funcionários empregados na escola local. Outro fator que complementa a economia do local é a criação de animais como o gado (pecuária) e os caprinos (caprinocultura) embora estes sejam em pequena escala.

Segundo informações prestadas pela líder comunitária, os moradores nunca enfrentaram agressividade por parte de terceiros no que se refere à posse das terras, tal como ocorreu em outras comunidades remanescentes de quilombolas do Brasil. Sendo considerável o fato de que a grande maioria dos moradores relatam que apenas trabalham nas terras como “meeiros”, tomando conta delas para terceiros, a outra parte de moradores ouvidos, relatam que obtiveram as terras por herança, e uma pequena parte obteve por compra. Assim, no que se refere às terras as mesmas foram obtidas de maneiras diversas.

Ainda com relação à comunidade remanescente do Matias podemos observar que a mesma é composta por um total de 44 famílias, tendo uma população de aproximadamente 170 pessoas, embora que de acordo com o testemunho da líder comunitária tenha ocorrido uma evasão em direção a cidade.

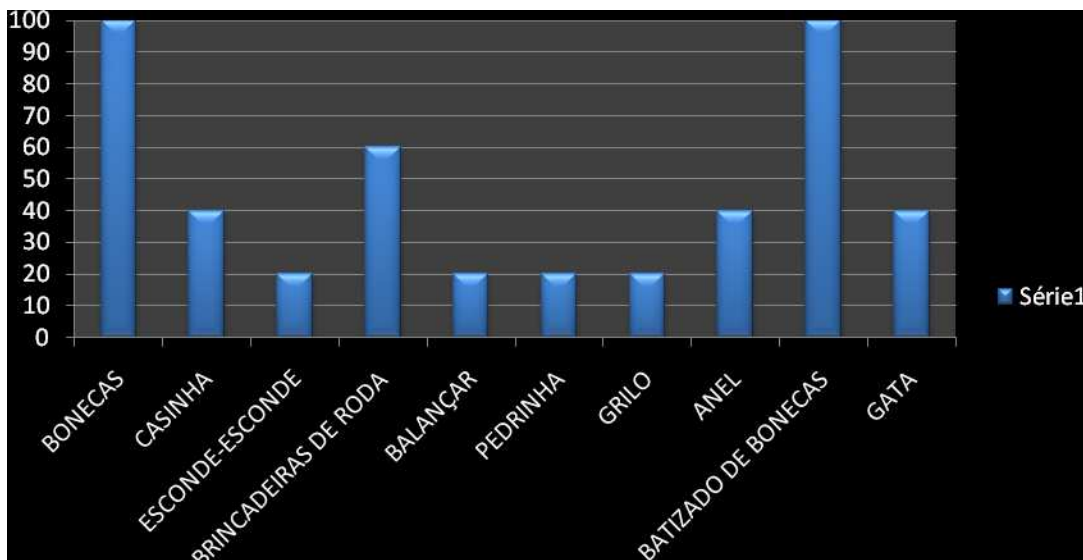
No que diz respeito à educação podemos observar que grande parte dos moradores não detém se quer o nível Fundamental I completo, sendo constatado um maior nível de escolaridade entre os jovens que estudam na sede do município.

Ainda de acordo com o relato dos mais antigos da comunidade é impossível saber o período de formação da comunidade, isto é, quando a comunidade começou

a se formar realmente como um aglomerado populacional considerável, uma vez que para formação de tal grupo não é importante somente a terra, mas também – e principalmente – os indivíduos que a compõe.

3.2. Os jogos e brincadeiras do “passado” na Comunidade do Matias.

De acordo com os relatos obtidos com as pessoas mais velhas da comunidade do Matias a respeito das atividades lúdicas de sua época, podemos elaborar o seguinte gráfico¹:



É importante ressaltar que muitas das brincadeiras estão relacionadas umas com as outras, a exemplo das brincadeiras de “Casinha” e “Boneca”, embora sejam duas atividades distintas e que variam na sua forma de realização de acordo com os indivíduos envolvidos, podendo ser estes os personagens habitantes da “Casinha”, posição que também pode ser ocupada pelos bonecos (as) manipulados por eles.

Ambas as brincadeiras, “Casinha” e “Boneca”, ocorriam num plano imagético, onde as crianças imitavam a vida adulta, ora com os bonecos, ora com os próprios corpos. Sendo as atividades corriqueiras do cotidiano o objeto de tais imitações, indo desde o processo de cozinhar até a questão do trabalho, reforçando a afirmação de

¹ Estabelecido percentualmente

Brougere (1997) quando diz que as brincadeiras são uma espécie de associação entre o real e a ficção.

Sendo interessante, ainda, relatar que as bonecas com as quais as crianças brincavam eram de origem artesanal, pois as mesmas não detinham condições econômicas para comprar bonecas industrializadas.

As brincadeiras de roda como a “Ciranda” e o “Atirei o pau no gato” eram praticadas de maneira tradicional, sempre com muitas pessoas e cantigas que eram executadas com enorme empolgação, o que levava a necessidade de um espaço específico, geralmente o terreiro das casas que detinham uma maior extensão.

O “Esconde-esconde”, onde o grupo procurava esconderijos a fim de fugir de um membro selecionado para encontrá-los, é uma das brincadeiras mais tradicionais que existe no universo lúdico infantil.

Inicialmente, o grupo se reunia e escolhia aquele que seria o responsável por procurar os demais, em seguida este lhes daria um certo tempo para que pudessem se esconder, só então partia para procurá-los. O indivíduo que fosse encontrado passava automaticamente a ser o próximo responsável pela procura, iniciando-se uma nova brincadeira.

O “Esconde-esconde” não apresenta aqui nenhuma especificidade que mereça um destaque ímpar, embora possamos supor que a atividade tenha algo a ver com o período de escravidão, onde os escravos se escondiam para fugir dos capitães do mato.

Com relação à brincadeira de “Balanço” ou “Balançar”, nota-se que esta é realizada mediante a construção de um balanço, que se dá de maneira artesanal, necessitando por vezes da ajuda de adultos para construir o brinquedo que era de uma complexa confecção, pois precisava-se subir numa árvore e amarrar duas cordas num galho, de maneira que deixasse duas extremidades disponíveis para se anexar um pedaço de madeira que viria a tornar-se o balanço.

No que se refere à atividade designada como “Pedrinha”, nota-se que é um jogo que exige um grande reflexo, uma vez que consiste em jogar uma pedra para cima e de maneira crescente ir pegando o maior número de pedrinhas no chão, torna-se importante mencionar ainda que o jogo deve ocorrer com o participante sentado no chão, por isso com regras bem definidas.

A brincadeira do “Grilo” era uma atividade exercida em um grupo, onde formava-se uma fila e o indivíduo que está na parte dianteira tem a missão de pegar o que está na parte traseira da fila, sem que estes saiam de uma área delimitada, assim a atividade gera uma correria em torno da fila, onde o indivíduo que estava na frente persegue o que estava atrás.

Por sua vez, a atividade designada como “Anel” consiste em uma espécie de adivinhação, onde um indivíduo tinha que adivinhar com quem estava o anel que era passado de mão em mão por outro indivíduo que comandava a brincadeira.

Para começar a brincadeira do “Anel”, selecionava-se de início dois indivíduos, um para comandar a brincadeira e o outro para tentar descobrir com quem estava o anel, enquanto o resto dos participantes se dispunham em fila com as mãos juntas. A partir de então o indivíduo que comandava a brincadeira segurava um anel entre as suas mãos e ia passando por entre as mãos dos demais envolvidos, ao chegar ao final da fila já estaria sem o anel, que o outro participante escolhido teria que adivinhar onde estava. Ao término eram selecionados mais dois participantes e brincadeira se repetia.

Com relação à brincadeira chamada de “Batizado de Bonecas”, encontramos uma unanimidade, assim como a simples brincadeira de “Bonecas”, todas as pessoas ouvidas na comunidade relataram que brincavam ou pelo menos participavam indiretamente da brincadeira. Essa brincadeira ainda manifestou algumas particularidades, como por exemplo, a capacidade de reunir todas as crianças e jovens da comunidade, se assemelhando mais a uma festa do que a uma brincadeira, tendo atividades musicais e até mesmo comidas de verdade, diferente de outras brincadeiras onde as comidas são fictícias e imaginárias.

O “Batizado de Bonecas” aparenta ser uma brincadeira original da comunidade revelando a criatividade dos seus membros. Apesar dessa brincadeira e da sua forma de realização podemos evidenciar que ela ocorria sem um local específico, podendo realizar-se em qualquer local onde houvesse um espaço adequado a comportar as pessoas participantes, observamos ainda que não havia restrição a participação de qualquer indivíduo, fosse ele adolescente, criança ou adulto. Com relação aos objetos essenciais da brincadeira, isto é, as bonecas, estas eram confeccionadas na própria comunidade, com sabugos, palhas de milho e retalhos de pano, além de outros materiais.

Destarte, os participantes se reuniam de maneira rápida e precisa o que revela a grande importância que se dava a atividade lúdica, que era praticada geralmente pelas crianças e adolescentes, em seguida eram definidos os padrinhos das bonecas e finalmente as mesmas eram batizadas com seus respectivos padrinhos pronunciando as palavras: *“boneca, eu te batizo com sarapatel de calango, eu só não te torço os santos olhos porque tu sois de mulambo”*.² Efetuado os batismos, começavam as atividades musicais, que segundo os relatos era onde ocorriam as paqueras, daí a participação de adolescentes, nesta parte também começavam a servir as comidas que eram preparadas pelas próprias mulheres participantes, o que já demonstra uma leitura da realidade de que as mulheres tinham que ser donas de casa, atestando a ideia de Caillois (1990) de que as atividades lúdicas podem permitir uma análise da realidade de um grupo.

De acordo com os relatos obtidos, a brincadeira da “Gata” era praticada por diversos indivíduos, onde uma pessoa era responsável pela perseguição dos demais que quando eram pegos passavam instantaneamente a ser a “Gata”, isto é, passava a promover a perseguição na vaga daquele que a pegou.

Para iniciar a brincadeira da “Gata” fazia-se uma espécie de sorteio, onde um indivíduo pegava uma pedrinha com um das mãos e ia passando por todos os envolvidos na brincadeira, aquele que pegar a mão com a pedra passava a ser o

² Segundo relatos das pessoas entrevistadas

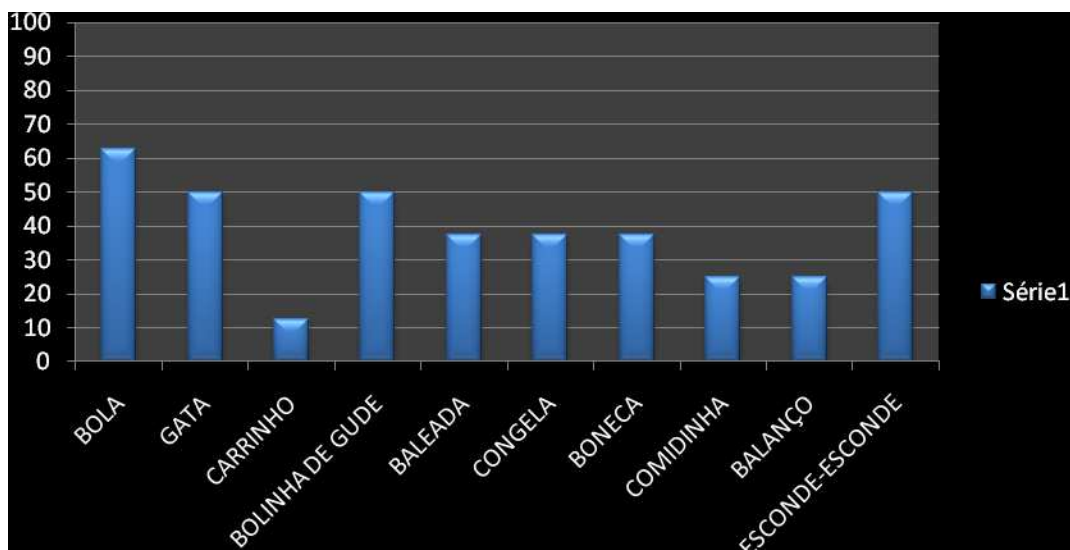
responsável pelo sorteio, ao final do sorteio aquele que permanecesse com a pedra tornava-se a “Gata” e era o responsável pelo início da perseguição.

De uma maneira geral podemos perceber que as brincadeiras relatadas demonstram, em suas práticas, uma releitura do mundo adulto que circundava as crianças, apesar de certas particularidades não foram identificadas características precisamente afro-descendentes, o que por sua vez já demonstra um alto nível de transformação cultural na comunidade.

Um fator que é digno de nota é que embora as brincadeiras relatadas pelas pessoas mais velhas da comunidade ocorressem com frequência, hoje em dia, segundo elas, percebe-se um progressivo declive destas atividades, tornando as ações lúdicas cada vez mais raras.

3.3. Os jogos e brincadeiras do “presente” na Comunidade do Matias.

No que se refere às brincadeiras e jogos praticados pelas crianças de “hoje” na comunidade do Matias podemos elaborar o seguinte gráfico³:



³ Estabelecido percentualmente

Na atividade lúdica definida como “Bola” podemos perceber que tratava-se na verdade do Futebol, que por ter regras bem definidas é considerado um jogo, segundo Ramos (2008). No entanto, a “Bola” é praticada de diferentes formas, inclusive com uma total ausência de regras, se caracterizando também como uma brincadeira.

A prática da “Bola” de acordo com as crianças da comunidade varia de acordo com a quantidade de indivíduos que vão participar, podendo ter até 22 participantes como número máximo, e 2 como número mínimo.

O objetivo da atividade é fazer o “gol”, ou seja, fazer a bola passar por entre dois postes que recebe o nome de “trave”. A atividade pode ter duas traves quando é praticada por muitos indivíduos, ou somente uma quando é praticada por poucos. Vence a atividade aquele que fizer o maior número de gols.

Com relação a brincadeira da “Gata”, observamos que é uma das poucas atividades lúdicas remanescentes dos antigos moradores que ainda é praticada pelas crianças de hoje. A mesma mantém sua essência, no entanto, existe algumas poucas modificações em relação as suas raízes, sendo a principal a criação de um novo elemento na brincadeira chamado de “figuinha”.

A “figuinha” ocorre pelo pedido de um participante. Quando este se encontrar exausto e não detiver mais forças para fugir da perseguição promovida pela brincadeira – como já foi exposto anteriormente – deve gritar “*figuinha!*”, fazendo isso, inicia-se imediatamente o tempo da “figuinha” que dura enquanto o participante não se recuperar.

A Brincadeira de “Carrinho” foi a menos citada entre as crianças da comunidade, conseqüentemente sendo a menos praticada, embora seja uma das atividades lúdicas mais comuns do universo infantil.

Tudo isso tem uma explicação, a economia da comunidade é um tanto fragilizada, sendo assim, a grande maioria das famílias não detém condições de comprar brinquedos industrializados para as crianças. Lembrando que a brincadeira

de “Carrinho” ocorre mediante a existência de um carro de brinquedo, que pode ser de origem artesanal ou industrial, e já que as crianças da comunidade não dominam o processo de fabricação artesanal, ficam dependentes dos carrinhos industrializados.

Diante da existência de carrinhos de brinquedo, a atividade se desenrola em torno de uma representação do cotidiano, as crianças imaginam que são adultas e que tem um carro, daí por diante a imaginação toma conta, sendo inúmeras as possibilidades.

A atividade denominada como “Bolinha de gude” é considerada um jogo, já que em todas as formas de se praticar constatamos uma regra (ou objetivo) básico que é acertar a bolinha de gude do adversário.

De acordo com o relato das crianças, existe duas maneiras de se praticar a atividade, uma delas é chamada de “Bura” e a outra é conhecida como “Matar”.O “Bura” pode ser praticado por até 5 participantes, estes furam três buracos no chão, de maneira que formem um triângulo, a partir de então tomam distância e jogam ordenadamente as bolinhas em direção a estes buracos que eles chamam de “Buras” – daí o nome prática –, aquele que ficar mais próximo do buraco principal é o que inicia o jogo, sendo seguido pelos demais. O objetivo é acertar a bolinha em todos os buracos, e depois tentar acertar os adversários até que sobre um único indivíduo, este é considerado o vencedor.

Já o “Matar” é praticado por duas pessoas que se sentam equidistantes de uma única bolinha de gude, então começam a alveja-la com outra bolinha, aquele que acertar é quem vence o jogo.

Na atividade nomeada como “Baleada”, percebemos de acordo com as informações colhidas que a mesma pode ser realizada com um número mínimo de 6 pessoas e máximo de 12 pessoas. Observa-se ainda que é necessário a existência de uma bola para que o jogo se realize.

No início da atividade divide-se os participantes em 2 times, após a divisão desenha-se um grande retângulo no chão, o mesmo servirá de área para a realização do jogo. O retângulo é dividido em duas partes, cada uma ocupada por um time, além disso, também é desenhada uma pequena área atrás de cada parte do retângulo, para que seja ocupada pelos integrantes do time adversário que por ventura sejam acertados durante o jogo.

Após desenhada as áreas e definidos os times, começa a atividade, com os integrantes de uma equipe utilizando a bola para acertar os integrantes da equipe adversária. É importante mencionar que os indivíduos que forem “baleados” – acertados pela bola – devem passar para a pequena área que fica atrás do time adversário pegando as bolas que cheguem até eles e alvejando novamente os adversários. Contudo se os adversários conseguirem pegar a bola sem deixa-la cair no chão, então será a sua vez de jogar.

Durante o jogo os indivíduos não podem sair da área delimitada, tão pouco invadir a área adversária, sendo assim, o jogo se desenvolve até que uma equipe tenha baleado todo os componentes da equipe adversária.

Já a brincadeira de “Congela”, acontece de maneira simples, sem muitas complicações, não havendo a necessidade de nenhum objeto, nem a restrição do número de participantes.

A atividade se inicia com a escolha de um indivíduo que recebe o nome de “Congela”, em seguida este indivíduo deve promover uma perseguição aos demais participantes que ao serem tocados por ele devem ficar parados, como se estivessem congelados. Estes indivíduos que ficarem congelados só voltam ao normal se um outro participante o tocar, sendo assim, a brincadeira só termina quando o “Congela” tocar em todos os participantes, de maneira que deixe todos congelados.

Na brincadeira de “Comidinha” não há nenhuma restrição ao número de participantes, no entanto é uma brincadeira em que a grande maioria dos

participantes são do sexo feminino, embora não haja nenhuma recusa quanto a participação de indivíduos do sexo masculino.

Para a realização desta brincadeira é necessário a existência de panelinhas de brinquedo, que podem ser feitas de maneira artesanal, ou então compradas. A brincadeira se desenvolve de acordo com a imaginação dos envolvidos, mas sempre como um simulacro da realidade, em que a maioria dos participantes, sendo mulheres, simulam ser donas de casa.

A brincadeira de “Comidinha” pode integrar-se a brincadeira de “Bonecas”, a mesma também pressupõe uma realidade imaginária que existe de acordo com a imaginação dos envolvidos, sendo assim, as bonecas podem ser donas de casa que cuidam do lar e preparam “Comidinhas” para toda a família, embora as possibilidades não se limitem a isso, pois as bonecas também podem ser modelos, atrizes, etc.

A brincadeira de “Bonecas” também é uma das poucas brincadeiras remanescentes, ou seja, que era praticada pelos pais das crianças e que é praticada pelas crianças hoje. A brincadeira mantém-se em sua essência, mas também apresenta modificações, a exemplo do elemento principal, a boneca, a mesma era fabricada de maneira artesanal, enquanto que hoje utiliza-se uma boneca industrializada.

A brincadeira de “Balanço” ou “Balançar” também integra o “*hall*” das brincadeiras remanescentes dos antigos moradores, no entanto esta mantém sua essência sem modificações, diferente das brincadeiras de “Boneca” e “Gata”, que apesar de terem sido preservadas criaram fronteiras com suas antigas maneiras de execução.

Dessa maneira a existência de um balanço ainda é primordial para o acontecimento da atividade que não tem limite de participantes, embora apenas um indivíduo por vez possa usufruir do brinquedo, que ainda depende de um adulto para sua construção.

Fechando o grupo das brincadeiras remanescentes, temos a brincadeira de “Esconde-esconde” que assim como a brincadeira de “Balanço” mantém sua essência e forma de prática, gerando uma verdadeira continuidade em relação a sua antiga maneira de execução.

A brincadeira de “Esconde-esconde” ainda pressupõe a procura por indivíduos que se escondem afim de fugir de um membro selecionado para encontra-los, aquele que for encontrado primeiro será o próximo a procurar os participantes da brincadeira, gerando uma nova atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do resultado das pesquisas, a cerca das atividades lúdicas na comunidade remanescente de quilombolas do Matias, podemos fazer algumas observações de caráter trivial para este trabalho.

Um dos pontos de maior destaque é o fato das brincadeiras e jogos registrados não conterem nenhum traço específico e precisamente afro-descendente, o que de acordo com nossas leituras já mostra um alto nível de aculturação, mesmo embora uma das brincadeiras, chamada de “Batizado de bonecas”, contenha certas particularidades, sendo uma originalidade da comunidade.

Após a coleta, comparação e análise dos dados, podemos observar também a existência de três grupos diferentes de atividades lúdicas (referentes a brincadeiras e jogos): aqueles em que houve uma *ruptura*; os que houve uma *continuidade*; e aqueles em que criou-se uma espécie de *fronteira*. Além é claro das novas atividades que surgiram com o passar do tempo, e que por não terem antecessoras não podemos comparar suas formas de prática e realização dentro da comunidade.

As atividades que verificamos uma *ruptura*, foram aquelas que deixaram de ser praticadas na comunidade, que caíram no esquecimento, que se tornaram partes de outra brincadeira, ou mesmo, não foram passadas de antecessores para descendentes locais, podendo ainda ter desaparecido – ou não ter sido citada – por opção dos indivíduos de não praticar as mesmas. As atividades em que conseguimos identificar uma ruptura clara foram: “Casinha”, “Brincadeiras de roda” (tradicionais como a “Ciranda” e o “Atirei o pau no gato”), “Pedrinha”, “Grilo”, “Anel” e “Batizado de bonecas”.

Por sua vez, as atividades que verificamos uma *continuidade* foram aquelas que se mantiveram fiéis as suas formas de realização e prática, ou seja, que são

praticadas hoje da mesma maneira que eram praticadas antigamente. As atividades que conseguimos identificar uma *continuidade* foram: a do “Balanço” e a brincadeira de “Esconde-esconde”.

No que diz respeito às atividades que identificamos uma *fronteira*, podemos dizer que foram aquelas que não houve uma *ruptura*, pois as atividades continuaram a ser exercidas dentro da comunidade, mas também não podemos dizer que houve uma *continuidade*, pois as mesmas apresentaram modificações significativas em relação as suas antigas formas. Sendo assim criou-se uma espécie de *fronteira*, que não rompe drasticamente, mas que impõe determinados limites de continuidade. De acordo com essa idéia podemos identificar duas atividades com *fronteiras*: a brincadeira da “Gata” e a “Brincadeira de bonecas”.

Além das atividades que houve um rompimento, das que se mantiveram idênticas e das que se criou uma *fronteira*, houve também aquelas que surgiram sem nenhum antecedente, são atividades novas na comunidade, das quais podemos identificar: a “Bola”, o “Carrinho”, a “Bolinha de gude”, a “Baleada”, a “Comidinha” e o “Congela”.

Por fim podemos observar e atestar a idéia de Brougere (1997) de que a brincadeira, a atividade lúdica, nada mais é do que a associação entre uma *ação* e uma *ficção*, de maneira que as crianças recriam no seu universo infantil aquilo que vêem no mundo adulto, um exemplo claro disto é a brincadeira de “Bonecas” que coloca as meninas como donas de casa e mães de família, realidade que elas enxergam na comunidade.

Neste contexto concordamos com Caillois (1990), ao afirmar que não seria absurdo algum supor que uma dada época possa ser definida pelas suas atividades lúdicas, pois seu desenrolar oferece linhas de força sobre as principais características da natureza social. Caminhando neste rastro, ainda podemos evidenciar que, se as brincadeiras podem dar testemunhos de uma dada época, então elas também são formas de memória, como diria Le Goof (1994), uma “memória étnica” que perpassa através da oralidade.

Contudo, podemos observar e concluir que as atividades lúdicas podem, acima de tudo, mostrar e contar a história de uma comunidade, revelando traços importantes e marcantes do desenvolvimento desta, além é claro de compor o quadro cultural da comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner de. **Os quilombos e as novas etnias**. In: Eliane Cantarino O'dwyer (org.). **Quilombos** - identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2002.

AMORIM, Leoníla M^a de. “**o trabalho é coisa de negro**”: a escravidão. In. GURJÃO, Eliete Queiroz; LIMA, Damião de. **Estudando a história da Paraíba**: uma coletânea de textos didáticos. 3^a Ed. Campina Grande: EDUEP, 2004.

ARRUTI, Jose Mauricio. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

BROUGÈRE. Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2^o Ed. São Paulo - SP: Cortez, 1997.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.

CAMILO, Josemir. **A lavoura canavieira em Pernambuco e a expansão do capitalismo britânico (1870-1890)**. Tese de doutoramento em História. Recife: UFPE, 1978.

CARVALHO, José Jorge. Prefácio. In CARVALHO, José Jorge (Org) **O Quilombo do Rio das Rãs**: Histórias, Tradições, Lutas. Salvador: EDUFBA, 1996 p. 7-10.

CAVALCANTE, Erika Derquiane. **Identidades femininas, cinema e nordeste**: luz câmera, ação !. Monografia do curso de História. UEPB, 2007.

CERTEAU, Michel de A. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **Introdução**. In: A história cultural. Lisboa: Difel, 1990.

ESCODRO, Jane Shirley. **A participação da SABs (sociedades amigos de bairro) na educação do município**. Tese de doutorado em Serviço Social, Campinas: UNICAMP, 2000.

ELKONIN, Daniel, B. **Psicologia do Jogo**. Álvaro Cabral (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **O negro e a violência dos brancos**. Rio de Janeiro: J. Álvaro, 1977.

FILHO, Luiz Viana. **O negro na Bahia**. São Paulo: Martins, 1976.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Dominus, 1965.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo-SP: Cia. das Letras, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP e A editora, 2006.

HALBWACHS, Mourice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

JUNIOR; Caio Prado. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23ª ed.; São Paulo: Brasiliense, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: editora da UNICAMP, 1994.

LEONTIEV, A, N. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar**. In. VYGOTSKY. L. S; LEONTIEV. A; LURIA, A, R. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 4. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Chaim Samuel Katz (Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MARTINEZ, Paulo. **A África e o Brasil:** uma ponte sobre o Atlântico. São Paulo: moderna, 1992.

MEDEIROS, Maria de Fátima. **Engenho:** a decadência. Campina Grande: UEPB, 2004.

MELLO, José Otávio de Arruda. **História da Paraíba:** lutas e resistências. 3.ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 1996.

_____; RODRIGUES, Luiz Gonzaga (orgs.). **Paraíba:** conquista, patrimônio e povo. João Pessoa: Grafset, 1993.

MOURA, Clovis. **Os quilombos e a rebelião negra.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Rebeliões da senzala.** Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

_____. **Quilombos:** resistência ao escravismo. São Paulo: Ática, 1993.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Terra de Quilombos.** Rio de Janeiro: UFRJ/ABA, 1995.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1989.

QUEIROZ, Josélia Araujo. **Escravidão para além do engenho:** praticas escravocrata em Taperoá (1840 – 1888). Campina Grande: UEPB, 2005.

RAMOS, Maria da Conceição Aparecida Leira. **Jogar e brincar:** representando papéis, a criança constrói o próprio conhecimento e, conseqüentemente, sua própria

personalidade. Edição eletrônica, 2008. Disponível em: <www.icpg.com.br> acesso em 5 Mai. 2009, 14: 24: 00.

RODRIGUES, Nina. **Africanos no Brasil**. Brasília: Ed. da UNB, 1977.

SEIXAS, Wilson. **O velho arraial de piranhas**. João pessoa: Grafset, 1962.

SILVA, Acildo Leite da. **Memória, tradição oral e a afirmação da identidade étnica**. Caxambu: In anais da 27ª reunião da ANPED, 2004.

SOUSA, Luiz Gonzaga de. **Política sociedade e economia**. Edição eletrônica, 2006. Disponível em < www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps > acesso em: 23 Jan. 2009, 13:45:00.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**. São Paulo: Campus, 2002.

VALENTE, Ana Lucia. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.

VÊLOSO, Thelma Maria Grisi. **Pesquisando fontes orais em busca de subjetividade**. In.WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; VELÔSO, Thelma Maria Grisi (org.). **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

VYGOTSKY, L, S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Cláudia Berliner (Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.